

## País tem 5 milhões em busca de um emprego há pelo menos um ano

*Por Bruno Villas Boas*

A longa recessão deixou um legado preocupante no mercado de trabalho: o desemprego de longa duração. São pessoas que buscam incessantemente uma vaga, sem encontrar, há um ano ou mais. Havia um contingente de 5,029 milhões de pessoas nessa condição no quarto trimestre de 2017, 130% a mais do que no mesmo período de 2014.

Especialistas dizem que o quadro preocupa porque, em geral, quanto mais longa a duração da busca por emprego, menores podem ser as chances de conseguir uma colocação. Isso pode ocorrer pela desatualização profissional ou por um estigma decorrente do longo período de afastamento. É ainda um prazo capaz de desestruturar muitas famílias.

Nem mesmo o surpreendente ritmo de recuperação do emprego no ano passado foi capaz de interromper esse ciclo. O total de pessoas sem trabalho há mais de um ano estava 5% maior no quarto trimestre de 2017, frente ao mesmo período do ano anterior. As vagas geradas no ano absorveram a mão de obra que procurava emprego há menos tempo.

"Há um estigma da parte do contratante, como se o tempo que o candidato ficou desempregado sinalizasse uma limitação profissional. Esse trabalhador precisa se reinventar, fazer cursos, requalificar-se. Tem gente que precisou mesmo mudar de área profissional para voltar, como vemos nessa nova massa de autônomos e informais", afirmou Sergio Firpo, professor de economia do Insper.

O país encerrou o ano passado com 12,3 milhões de pessoas desempregadas, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad Contínua), do IBGE. Isso significa que duas em cada cinco pessoas que buscavam emprego eram desempregadas de longa duração.

Segundo Fernando de Holanda Barbosa Filho, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV), a parcela mais jovem da população tem sido a mais afetada por esse desemprego de longo prazo. Do total de desempregados há um ano ou mais, 54,1% estão na faixa de 14 a 29 anos de idade.

# INFORME

"São pessoas sem experiência para ofertar e que acabam ficando para trás na busca por emprego. Na faixa de 14 a 19 anos, são 850 mil pessoas em busca de vaga há mais de um ano. É um jovem que poderia estar estudando, fazendo outras coisas", disse o economista, que levantou os dados a partir dos microdados da Pnad Contínua, pesquisa domiciliar do IBGE.

## Desemprego de longa duração

Pessoas de 14 anos ou mais de idade desempregadas, por tempo de procura - em mil pessoas



Fonte: IBGE e Ibrs/FGV

Outro recorte mostra que o desemprego de longa duração afeta variadas faixas de escolaridades. Dos 5,029 milhões de desempregados há um ano ou mais, 43,6% têm até o ensino médio incompleto; outros 40,2% têm o ensino médio completo; 9,4% têm superior completo. O restante está distribuído em outras níveis de escolaridade, como os sem instrução (2,2%)

Para o economista do Ibrs-FGV, a pouca presença de pessoas sem instrução nessa fila de emprego não chega a ser uma surpresa. São geralmente trabalhadores em atividades consideradas braçais, como marceneiros, pedreiros e pintores. Esses profissionais têm na informalidade uma válvula de escape e não param por muito tempo na fila de emprego. "O que surpreende é que 9,4% das pessoas que estão há mais de um ano buscando emprego tenha ensino superior. São 483 mil pessoas. Provavelmente são pessoas com

# INFORME

ambição salarial maior, que talvez não estejam dispostas a aceitar menos, ou dar um passo atrás na carreira. Pode ter recebido alguma oferta, mas recusado", disse Barbosa Filho.

Mesmo tendo experiência, curso superior e uma pós-graduação numa instituição reconhecida, Luiz Felipe Brasil Martin, 47 anos, morador do Rio, é um dos trabalhadores qualificados em busca de vaga no mercado. Ele procura emprego desde 2016, quando deixou de prestar serviços para um empresa de softwares. Formado em comunicação social, com MBA em marketing na FGV, queixa-se da pouca oferta no seu perfil.

"Tenho qualificação e 28 anos de experiência de mercado. Mesmo assim, em 2016, ninguém chamava para nada, nem entrevistas. Em 2017 fiz uma bateria de entrevistas, sobretudo na minha área, de marketing e vendas. Mas na área de representação comercial você precisa de um capital inicial para cobrir custos de deslocamento e telefonia, já que recebe comissão. E eu estou descapitalizado", disse ele, que embora busque vaga no mercado também tem perfil empreendedor e não descarta voltar a investir nisso.

Com a conjuntura da cidade, na qual a crise se agravou no ano passado, na contramão do resto do país, Martin optou por morar com o pai, no Recreio dos Bandeirantes, zona oeste do Rio. Chegou a considerar uma troca de área profissional e estudou para um concurso público do Tribunal de Contas do Município do Rio, que oferecia salários de até R\$ 10 mil para o cargo de técnico analista. Fez a prova, mas concluiu que seu perfil não é de "concurseiro".

"O racional diz que as coisas podem até começar a melhorar neste ano, mas é preciso controlar também o emocional e não desanimar. Envio currículo todos os dias. A coisa vai apertando e você até reduz o seu filtro de busca. Mas quando a qualificação está muito acima da vaga, o contratante fica preocupado. Acha que você pode desistir na primeira oportunidade", disse.

As estatísticas do IBGE mostram que 2,8 milhões de pessoas procuravam emprego ininterruptamente por dois anos ou mais no país no quarto trimestre de 2017, contingente 143% maior do que no fim de 2014.

O risco é que esses trabalhadores se tornem "desalentados", termo usado para pessoas que desistem de procurar vaga, porque não acreditam que vão encontrá-la. Tornam-se "inativas". Nos três últimos meses de 2017, havia 4,352 milhões de pessoas no país nesta situação, segundo informou o IBGE na sexta-feira.

**(Fonte: Valor Econômico – 26/02/2018)**

3

## Mulheres e negros são maior parte da força de trabalho subutilizada no País

*No Brasil, falta emprego para 26,4 milhões de pessoas, sendo que 54% são do sexo feminino, ao passo que os negros correspondem a 66% dessa população; grupos voltarão via informalidade*

### **PAULA SALATI - SÃO PAULO**

As mulheres e os negros correspondem a maior parte da força de trabalho subutilizada no Brasil, ou seja, pessoas que estão desempregadas, subocupadas por insuficiência de horas ou que são uma mão de obra em potencial. A tendência é que, com a retomada do mercado de trabalho, esses grupos continuem sendo absorvidos, em sua maioria, pelas ocupações mais precárias e informais, avaliam especialistas.

Na última sexta-feira, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), informou que, no quarto trimestre de 2017, faltou emprego para 26,4 milhões de pessoas no Brasil. Ou seja, a taxa de subutilização da força de trabalho alcançou 23,6%, percentual um pouco menor do que o registrado durante o quarto trimestre de 2016 (23,9%). Já a taxa média anual para 2017 foi de 23,8%.

Segundo o coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE Cimar Azeredo, dos 26,4 milhões de subutilizados, 54% são do sexo feminino, enquanto os pretos e pardos são 66%. A taxa de subutilização contempla as pessoas que trabalham menos de 40 horas, mas que gostariam de trabalhar mais; aqueles que não estão nem ocupados e desocupados, mas que têm potencial para virar força de trabalho (os desalentados estão inclusos aqui) e, por fim, os desocupados, que são as pessoas que tomaram alguma providência para encontrar um emprego, mas que não o conseguiram.

Olhando somente para o número de desalentados, por exemplo – que são as pessoas que foram desestimuladas a procurarem uma ocupação – este chegou a 4,352 milhões de pessoas no quarto trimestre, sendo que 55,7% dessas são do sexo feminino, contingente 7% maior do que os homens desalentados (44,3%). Já entre a população preta e parda, esse percentual é maior e chegou a alcançar 72,3% durante o quarto trimestre de 2017. Por sua vez, a taxa de desocupação dos que se declararam brancos (9,5%) ficou abaixo da média nacional (11,8%) no quarto trimestre, enquanto a dos pretos (14,5%) e a dos pardos (13,6%) ficou acima. No quarto trimestre de 2012, quando a taxa média foi de 6,9%, a dos pretos correspondia a 8,6%; a dos pardos a 8,1% e a dos brancos era 5,4%. “As diferenças estruturais da sociedade brasileira se repetem, seja em momentos de crescimento econômico ou de crise”, destaca Azeredo. Ele lembra que a ocupação voltou 4

# INFORME

a aumentar, mas que, os negros estão voltando para o mercado de trabalho mais por meio da informalidade. “Essa parcela dos habitantes costuma ser de extratos sociais mais pobres e, por isso, quando perdem o emprego não possuem uma reserva [financeira] para procurarem por mais tempo uma ocupação. Por isso, elas ficam mais propensas a se submeterem a trabalhos mais precários, os quais pessoas de uma classe maior não se submeteriam”, considera Azeredo.

## **Gênero**

Já a economista Marilane Oliveira Teixeira, pesquisadora do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Unicamp, destaca que, nos períodos de saída de recessão e de retomada do mercado de trabalho, os homens conseguem voltar para o emprego com carteira assinada mais rápido do que as mulheres. Segundo ela, ainda existe um estereótipo de gênero de que o homem é o principal membro da família responsável por prover a casa, ainda que as pessoas do sexo feminino sejam, hoje, a maior parte das chefes de família no Brasil.

“Existe ainda a ideia de que é papel da mulher cumprir com as tarefas domésticas, cuidar dos filhos, dos idosos da casa, o que, de fato, acaba acontecendo”, afirma Marilane, destacando que, além do problema da divisão desigual do trabalho doméstico entre os gêneros, a falta de políticas públicas básicas, como a insuficiência de creches, dificulta a inserção da mulher em uma ocupação qualificada. A informalidade, portanto, acaba despontando como uma “alternativa” das mulheres conseguirem, ao mesmo tempo, obter uma renda e dar conta das tarefas domésticas. Dados do IBGE mostram que, durante o quarto trimestre de 2017, o nível da ocupação dos homens, no Brasil, foi estimado em 64,5% e o das mulheres, em 45,4%.

## **Desemprego**

A taxa de desocupação de 11,8% registrada no quarto trimestre de 2017 apresentou redução de 0,6 ponto percentual na comparação com o terceiro trimestre (12,4%) e ficou estável frente a igual período de 2016 (12,0%). Ainda na comparação com o terceiro trimestre, houve retração desse indicador em quase todas as regiões: Norte (de 12,2% para 11,3%), Nordeste (de 14,8% para 13,8%) e Sudeste (de 13,2% para 12,6%). Nos últimos três meses de 2017, os estados que tiveram as maiores taxas de desocupação foram Amapá (18,8%), Pernambuco (16,8%), Alagoas (15,5%), Rio de Janeiro (15,1%) e Bahia (15,0%).

(Fonte: DCI – 26/02/2018)